

**PNUM
2016**

REDE
LUSÓFONA
DE MORFOLOGIA
URBANA

Centro Cultural Vila Flor, Guimarães

Julho 15-16, 2016

**OS
ESPAÇOS
DA
MORFOLOGIA
URBANA**

PORTUGUESE
LANGUAGE
NETWORK
of URBAN
MORPHOLOGY

ATAS DA 5ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
DA REDE LUSÓFONA DE MORFOLOGIA URBANA

PNUM 2016

V Conferência
Rede Lusófona de Morfologia Urbana
Portuguese-language Network of Urban Morphology

Os Espaços da Morfologia Urbana

15 - 16 Julho 2016
Centro Cultural Vila Flor
Guimarães, Portugal

Entidades Organizadoras



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais



Parceiros



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:



Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT- Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCT através de fundos nacionais e quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 – POCI-01-0145-FEDER-007528.

PNUM 2016

V Conferência

Rede Lusófona de Morfologia Urbana

Portuguese-language Network of Urban Morphology

Coordenação geral

Jorge Correia

Miguel Bandeira

Comissão Científica

Teresa Marat-Mendes (Presidente), ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Eneida Souza Mendonça, Universidade Federal do Espírito Santo

Frederico de Holanda, Universidade de Brasília

Jorge Correia, Universidade do Minho

Miguel Bandeira, Universidade do Minho

Nuno Norte Pinto, University of Manchester

Stäel Pereira da Costa, Universidade Federal de Minas Gerais

Vítor Oliveira, Universidade do Porto

Comissão Organizadora (Universidade do Minho)

Cidália Silva

Ivo Oliveira

Jorge Correia

Maria José Caldeira

Maria Manuel Oliveira

Miguel Bandeira

Entidades organizadoras

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território

CEGOT Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

Secretariado

Lab2PT

<http://pnum2016.weebly.com>

'Os Espaços da Morfologia Urbana'

Atas da 5ª Conferência Internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2016

E-book

Editor

Jorge Correia
Miguel Bandeira

Coordenação de conteúdos

Sandra Barbosa

Coordenação gráfica

Ivo Oliveira

Edição

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho
Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território

ISBN

978-989-99484-6-4

Bem-vindos ao PNUM 2016 em Guimarães!

A Rede Lusófona de Morfologia Urbana / Portuguese-language Network of Urban Morphology (PNUM) apresenta a sua quinta conferência internacional. Depois das edições no Porto, Lisboa, Coimbra e Brasília, em 2016 a Universidade do Minho e o PNUM lançam como tema geral 'Os Espaços da Morfologia Urbana' nas suas diferentes dimensões de investigação, ensino e prática. Entre os dias 15 e 16 de Julho de 2016, pretende-se fomentar um fórum inclusivo dos diversos agentes que participam no estudo, compreensão e discussão das múltiplas aplicações da morfologia urbana na esfera no universo lusófono.

A cidade de Guimarães proporciona a todos os participantes um cenário ideal para as temáticas propostas, oferecendo no seu palimpsesto urbano marcas identitárias da sua formação medieval, evolução moderna, iluminista e liberal, bem como das mais recentes requalificações de espaço público e reabilitação do seu tecido construído. Classificada como Património da Humanidade e recentemente protagonista da Capital Europeia da Cultura 2012, a cidade complementa os trabalhos de índole científica que se promoveram nas salas do Centro Cultural Vila Flor.

A preparação para o PNUM 2016 iniciou-se logo após a reunião em Brasília, um ano antes, estruturando-se em torno de nove eixos temáticos, a saber: 1. História da forma urbana; 2. Heranças patrimoniais e regeneração urbana; 3. Teoria da morfologia urbana; 4. Da cidade ao território; 5. Práticas e experiências didáticas; 6. Métodos e técnicas; 7. Agentes e processos de transformação; 8. Do plano ao projecto; 9. Espaço público e transformações recentes. A resposta à chamada para resumos foi muito encorajadora e uma selecção cuidada foi levada a cabo pela Comissão Científica. Os resumos aceites foram convidados a apresentar a sua comunicação em Guimarães, bem como a submeter o artigo completo para publicação nestas atas. Sendo opcional, publicam-se aqui todas as submissões voluntárias dos autores, organizadas por temas. O conteúdo de cada artigo é da total e exclusiva responsabilidade do(s) autor(es), incluindo direitos de imagem quando aplicável. Constitui-se como um repositório parcial das vinte e sete sessões que conformaram a conferência.

O PNUM 2016 manifesta o seu profundo reconhecimento a todos os que contribuíram para a sua realização, desde logo as suas comissões científica e organizadora, os monitores de sala e o secretariado. O agradecimento estende-se institucionalmente às entidades organizadoras - Escola de Arquitectura da Universidade do Minho; Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho; Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território; CEGOT Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território - bem como aos parceiros: Município de Guimarães; Museu de Alberto Sampaio e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Pessoalmente, o PNUM 2016 deixa uma palavra de gratidão aos professores Renato Leão Rego e Teresa V. Heitor, pela disponibilidade e excelência das suas palestras principais, bem como a João Cabeleira, Joel Dinis, Anabela Portilha e equipa do CCVF, e Lurdes Catalino e equipa da Abreu. Por fim, o agradecimento maior vai para todos os participantes que proporcionaram dois dias de intensa troca, comunicação e discussão em torno dos temas da morfologia urbana.

Muito obrigado pela participação no PNUM 2016!

Jorge Correia

Miguel Bandeira

Coordenadores PNUM 2016

SUMÁRIO

13	1. História da forma urbana
15	<i>O Pátio da Minha Cidade: Da antiguidade clássica ao contexto urbano atual.</i> Mariana Neto
27	<i>O papel das vias romanas na formação e desenvolvimento periférico da cidade de Braga, desde a época romana até à atualidade.</i> Maria do Carmo Ribeiro, Manuela Martins
39	<i>A Viagem de Cósimo III de Médicis. Imagem da cidade portuguesa de seiscentos, o caso de Santarém.</i> João Cabeleira
51	<i>Paisagem Urbana do Núcleo de Povoamento da Ilha de Santa Catarina através de Representações Artísticas dos Viajantes.</i> Marcia R. Escorteganha
63	<i>Implantação insular franciscana portuguesa antes do Brasil colonial: Funchal e Ponta Delgada.</i> Isabel Norton
79	<i>A Morfologia Urbana das Vilas termais do Norte de Portugal: Gerês, Vizela, Pedras Salgadas.</i> Isabel Matias
91	<i>Tecido urbano em crise: leituras de São João del-Rei / MG (1930 - 1945).</i> Mariana Souza, Adriana Nascimento
103	<i>A rua de trás.</i> Flavia Botechia
113	<i>A Cidade Interrompida: o processo de planeamento da cidade de Alcobaça, 1889-1957.</i> Sílvia Di Salvatore, Ana Tostões
127	<i>Geo-morfo-evolução de Setúbal e Évora: paralelismos e diversidades.</i> Manuela Tomé, Maria Tereno, Maria Monteiro
141	<i>Vilas e cidades no Brasil Colônia.</i> Lívia Vierno
151	<i>As Formas do urbano na cidade histórica em Galícia.</i> Xose Lois Martínez Suárez
165	<i>Desenho e circunstância. Mário Bonito: Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar.</i> Helder Casal Ribeiro
177	<i>Encontrar o futuro na história. O Plano de Urbanização de Guimarães (Fernando Távora, 1982).</i> Eduardo Fernandes
189	<i>Cidades Limitadas? Análise Configuracional de Assentamentos Urbanos Murados.</i> Marlysse Rocha, Valério Medeiros, Monica Gondim
203	2. Heranças patrimoniais e regeneração urbana
205	<i>Ofícios e Rios: uma análise da regeneração urbana nos bairros Olarias e Poti Velho em Teresina – Piauí.</i> Ana Falcão, Ingrid Sampaio, Vitória Alencar, Karenina Matos, Wilza Lopes
215	<i>Intervenção em centro urbano tombado buscando critérios estéticos para preservar a sua ambiência histórica.</i> Fernanda Vierno
227	<i>Casa do Barro: Memória Viva da Olaria no Telhado, freguesia do Fundão.</i> Rúben de Matos

- 235 *O Mercado Público de Laguna: Uma inserção atemporal na inconstância da Urbanidade.*
Tueilon de Oliveira
- 247 *Regeneração e re-funcionalização. Perspetivando o futuro do(s) território(s) ribeirinho(s) de Lisboa.*
Ana Nevado
- 259 *Morfologia urbana na zona ocidental intramuros da cidade de Évora (séc. XIII-XXI): do património à malha urbana.*
Maria Monteiro, Maria Tereno, Marízia Pereira
- 269 *Perspectivas urbano-paisagísticas de uma cidade ribeirinha na Amazônia: a presença do rio e dos espaços livres públicos no desenho da paisagem e da morfologia urbana de Afuá/PA.*
Vera Tângari, Rubens Andrade, Pedro Mergulhão

281 3. Teoria da morfologia urbana

- 283 *"The grand manner": a rede axial barroca e a concepção da forma urbana na Escola Francesa de Urbanismo.*
Ivvy Pessôa Quintella
- 295 *Morfologia, atratores e vida social. O impacto do espaço físico no modo como usamos a cidade: o caso do Bairro de Alvalade.*
Micaela Raposo, Luís Santos, Rafael Ferreira, Hugo Brito, Sara Eloy
- 307 *Fundamentos de Morfologia Urbana.*
Staël de Alvarenga Pereira Costa, Maria Manoela Gimmler Netto
- 317 *Limite Difuso. Sines, o Processo de Infraestruturação Industrial*
Andreia M. Tavares, Paulo Tormenta Pinto
- 327 *Leituras Morfológicas e os IGT's.*
Filipa Corais
- 345 *Análise Morfológica quanto à Consolidação da Praça XV de Novembro na Paisagem Urbana de Florianópolis- Brasil.*
Marcia R. Escorteganha, Gilberto S. Yunes

361 4. Da cidade ao território

- 363 *Aspetos morfológicos da articulação com a frente de água em Lisboa.*
Rita Ochoa
- 375 *Favela como padrão de ocupação e produção habitacional.*
Eber Marzulo
- 385 *Crescimento Periférico e Periurbano em Itabirito-MG, Estudo de caso do Vetor Leste.*
Alfio Conti, Débora Meirelles
- 395 *O processo de difusão urbana no espaço perimetropolitano de Belo Horizonte, o estudo de caso do espaço regional entre Itabirito e Ouro Preto.*
Alfio Conti, Maria Florencia Sosa, Amanda Andrade
- 409 *Mudança do ambiente térmico em Guimarães (1984-2014): o impacte da urbanização difusa.*
Catarina Pinheiro, Maria Manuela Laranjeira, Miguel Bandeira
- 417 *A Dança das Densidades no Contexto do Crescimento Urbano.*
Maria do Rosário Jorge, Luís Vicente Baptista, João Pedro Nunes, Nuno Neves
- 427 *Implementação do estatuto das cidades em Cabo Verde: desafios e propostas de solução.*
Simão Varela
- 435 *Cidades do Litoral em Rede. Paraná (Brasil) e Algarve (Portugal)*
Jussara Silva, Mafalda Pacheco, Teresa Heitor
- 445 *Mobilidade acelerada: o hinterland entre Sines e Madrid.*
João Teixeira, Paulo Tormenta Pinto

455 5. Práticas e experiências didáticas

- 457 *Aplicação do método das escolas inglesa e italiana de morfologia urbana na análise das cidades históricas de Minas Gerais: o caso de Tiradentes.*
Larissa Bertu, Renata Pedrosa, Maria Cristina Teixeira, Marieta Maciel, Natália Achcar
- 467 *Transformação de um Vazio Urbano Romano numa Nova Urbanidade para Romanina.*
Tiago Rente, Alexandra Saraiva
- 477 *Além dos muros da Universidade: Intervenção urbana como forma de inclusão social - O caso da Comunidade da Margem da Linha em Campos dos Goytacazes/RJ.*
Antonio Godoy, Clarisse Luna, Carolina Barreto, Daniela de Oliveira, Danielly Aliprandi, Fagner Oliveira
- 489 *A Cidade como experimentação criativa. Experimentação criativa um contributo para a literacia urbana.*
Mafalda Pacheco, Patrícia Lourenço, Teresa Heitor
- 497 *A Abordagem tipo-morfológica da Escola Muratoriana.*
Xose Suarez, Armando Fernandes, Adriana Vieira, Fernanda Gorghi
- 507 *Análise e modelagem da morfologia urbana em um contexto de Conservação Urbana.*
Fabiano Diniz, Ana Rita Sá Carneiro, Raphael Melo, Danielle Rocha
- 519 *As formas da cidade compacta: Investigação arquitetônica sobre quarteirão existente.*
Maria L. A. Sanvitto, Claudia P. C. Cabral

529 6. Métodos e técnicas

- 531 *Técnicas Morfológicas do Projeto Urbano.*
Paolo Marcolin
- 543 *Oficinas de morfologia urbana em cidades brasileiras.*
Silvio Macedo e Francine Sakata
- 557 *Análise da Lacunaridade Urbana em Cidades Brasileiras de Médio Porte.*
João Silva Júnior, Mauro Barros Filho, Jade Brito
- 571 *Espaço e vida urbana no Distrito Federal.*
Ana Paula Barros, Juliana Alvim
- 579 *As Relações Determinantes entre Urbanidade e Forma Urbana.*
Samira Elias Silva, José Nuno Beirão, Carlos Dias Coelho
- 589 *Como o espaço pode influenciar a rápida decisão sobre os percursos a tomar: o caso do Estádio Universitário de Lisboa.*
Tomás Amaral, Joana Sequeira, Renata Sousa, Sara Eloy
- 599 *Morfologia e Urbanidade em Margens de Corpos d'Água Urbanos.*
Michelle Benedet, Carlos Faggin
- 609 *A configuração das bordas metropolitanas da cidade de Curitiba/Brasil.*
Luciana Capistrano, Letícia Pacheco, Priscila Dill, Jussara Silva
- 619 *Análise configuracional da cidade de Sines. Contribuições para a sustentabilidade do planeamento urbano e território.*
Bárbara Lopes, Rosália Guerreiro
- 629 *Contributo da sintaxe espacial para uma metodologia de reconstrução virtual do património arquitetónico. O sítio da Esperança como caso de estudo.*
Ana Gil, Ana Tomé
- 641 *Instrumentos cartográficos no acompanhamento das modificações do uso do solo e no controle dos impactos ambientais: influências no planejamento territorial do Distrito Federal – DF - Brasil.*
Marly Santos da Silva
- 655 *A Reinterpretação do Movimento Moderno em Lúcio Costa e a sua Influência na Renovação Arquitetônica Lusitana na Primeira Metade do Séc. XX.*
Edgard Oliveira, Larissa Bertu, Stael Pereira Costa, Maria Netto
- 667 *O inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa e a Antropologia: um caso de transversalidade metodológica.*
Teresa Marat-Mendes, Maria Amélia Cabrita

- 679 *Crescimento Urbano: Relações críticas entre sistemas de serviços urbanos, consumidores e seus reflexos no crescimento da cidade.*
Decio Bevilacqua, Romulo Krafta
- 689 *Tecido urbano do Distrito da Mooca. Um estudo de tipos.*
Adilson Macedo, Maria Isabel Imbronito
- 703 *(Cidade) Real: Estudo do processo de formação do Bairro Alto das Mercês, São João del-Rei/MG.*
Marcelo Silva, Adriana Nascimento

713 7. Agentes e processos de transformação

- 715 *Apropriação dos Espaços Livres e Agentes Transformadores em Vargem Grande - Rio de Janeiro/RJ.*
Julia R. Bahiana, Victória F. R. Carvalho, Nathália R. B. Costa, Vera R. Tângari
- 727 *Na fonte das cidades, as águas e as pessoas: a experiência do projeto Parque Capibaribe no bairro das Graças (Recife, Brasil).*
Fabiano Diniz, Danielle Rocha, Werther Ferraz e Anna Karina Alencar
- 737 *Reconhecimento e Categorização Tipológica dos sistemas de Espaços Livres. O Estudo de Caso de Guaratã – RJ.*
Mariana Moreira, Bruno Mendonça, Vera Tângari
- 751 *Sistema de espaços livres e urbanidade em uma cidade média brasileira: Araguari, Minas Gerais.*
Lucas de Oliveira, Eugenio Queiroga
- 761 *Repensando a cidade informal: a regulação da forma urbana e suas repercussões Socioespaciais.*
Mariana Costa Lima
- 771 *Algumas considerações sobre o papel do Desenho Urbano na evolução e controlo dos tecidos urbanos: Bairro Alto, um caso de estudo.*
Beatriz Ribeiro, Teresa Marat-Mendes
- 785 *Estrutura morfológica da grande cidade brasileira.*
Eugenio Queiroga, Silvio Macedo
- 795 *A rua Primeiro de março e a centralidade na cidade do Rio de Janeiro: Uma análise urbanística.*
Leonardo Pereira
- 805 *Transformação na Forma Urbana Brasileira – Estudo de Dois Centros Urbanos.*
Rafael Pegoraro, Silvio Macedo
- 817 *Cidade como Universidade, Universidade como Cidade: A morfologia do recinto universitário.*
Luísa Cannas da Silva, Teresa Heitor
- 827 *Algumas questões teóricas sobre a produção imobiliária privada urbana.*
Hugo Louro e Silva, Candido Malta Campos
- 835 *Morfologia e Propriedades Topo-Geométricas dos Condomínios Horizontais da Cidade de João Pessoa, Brasil.*
Alexandre Castro, Anneliese Lira, Paulo Vítor Freitas
- 849 *A cidade entre edifícios. Reflexão sobre meio século de mudanças num conjunto habitacional modernista.*
Jorge Gonçalves, Luís Carvalho, João Rafael
- 859 *A produção do espaço urbano de Toledo-PR a partir da instalação do Frigorífico Pioneiro S/A: aspectos do planejamento municipal.*
Sabine Campos, Sílvia Pereira
- 871 *Brasília: Paisagem Urbana Contemporânea.*
Sidney Vieira Carvalho
- 883 *O uso de novos meios nos processos de planejamento urbano participativo.*
Daniel Cardoso, Vitor Meneses
- 895 *Gestão Pública, Planejamento Urbano e Desigualdade Socioespacial em Salvador/ Bahia – Brasil.*
Joilson Cruz da Silva

- 907 *O desenvolvimento dos caminhos-de-ferro em Portugal e no Brasil: Uma análise comparativa e morfológica dos territórios atravessados por estas infraestruturas.*
Inês Isidoro, Teresa Marat-Mendes, Vera Regina Tângari
- 919 *Os processos de transformação urbana em Campos dos Goytacazes/RJ: desdobramentos do Programa Habitacional Morar Feliz.*
Aline Rangel, Antônio Godoy, Daniela de Oliveira, Danielly Aliprandi, Fagner Oliveira, Lucas França
- 931 *Vilas Piscatórias Algarvias Análise da Evolução Urbana.*
Sofia Ribeiro, Teresa Heitor
- 945 *Processo de produção e transformação da forma urbana em cidades costeiras brasileiras.*
Denio Benfatti; Vera Tângari
- 957 *O processo de transformação da vila de pescadores da Praia do Forte.*
Ariadne Silva, Gabriella Faria, Márcia Mello
- 965 *As narrativas de uma paisagem: da urbanística de colina à verticalização do centro histórico de Vitória (Brasil).*
Martha Campos, Fabiano Dias

983 8. Do plano ao projecto

- 985 *Do plano à prática: a realidade do transporte ciclovitário em Teresina, Piauí.*
Amanda Luz, Ylana Oliveira, Karenina Matos, Wilza Lopes
- 997 *A integração de métodos de zoneamento no desenvolvimento de parâmetros de desenho urbano para a agricultura urbana.*
Natália Lemos, Emília Rutkowski, Evandro Monteiro
- 1011 *Densidade, Dispersão e Forma Urbana: Dimensões e Limites da Sustentabilidade Habitacional no Brasil.*
Geovany J. A. da Silva, Samira Elias Silva, Carlos Alejandro Nome
- 1023 *Outorga onerosa e o avanço do papel da administração pública nas novas legislações urbanas no Brasil: estudo de caso em São Paulo e Belo Horizonte.*
Rafael Araújo, Maria Cristina Teixeira
- 1031 *Análise Espacial do Grande Conjunto de Alvalade: O Planeado e o Construído.*
Israel Guarda, Valério de Medeiros
- 1045 *Uma Avenida Moderna: planos e projetos de Alberto Pessoa para a Infante Santo.*
Tiago Farinha, Ana Tostões
- 1057 *Forma e Utopia. Os lugares modernos da Arrábida e da Afurada nas expansões urbanas entre Porto e Gaia.*
Diana Almeida Silva
- 1077 *O projeto como planeamento - Estudos e Relatórios de Impacto de Vizinhança na Cidade do Rio de Janeiro.*
Andrea Queiroz Rego
- 1087 *Desconstrução da paisagem tecnológica até ao solo natural no Vale do Ave.*
André Chaves

1097 9. Espaço público e transformações recentes

- 1099 *A qualidade socioambiental dos espaços públicos em bairros habitacionais.*
Karla Conde, Silvia Pina
- 1111 *Aportar à Beira-rio: o contributo do novo Museu dos Coches a Belém.*
Nuno Tavares da Costa
- 1121 *Projeto de espaço público: um processo de mediação. Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas.*
Marta Labastida, Joel Dinis, Marisa Fernandes

- 1131 *Da Cidade à Metápole: os Efeitos da Configuração Territorial e da Morfologia Urbana nos Espaços Públicos e na Vida Urbana.*
Milton Esteves Jr., Maria Candelária Lacherre, Claudia Emperatriz Diaz Garcia
- 1143 *Os espaços livres públicos e a forma urbana no Vetor Oeste da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG – Brasil.*
Marieta Maciel, Natália Achcar, Mirelli Medeiros, Priscila Schiavo, Mariana Lima, Renata Ribeiro
- 1155 *A Cidade sustentável como produto do marketing territorial. Soluções de mobilidade urbana no caso do Porto Maravilha – Rio de Janeiro.*
Maria do Carmo Bezerra, Laysa Abchiche, Artur Rocci
- 1169 *Da estrada carroçável ao boulevard: a Avenida Frei Serafim como principal eixo viário da cidade de Teresina, Piauí, Brasil.*
Amanda Miranda, Sandra Medeiros, Karenina Matos, Wilza Lopes
- 1179 *Avaliação dos Desempenhos das Formas Urbanas e dos Modos de Uso e Apropriações dos Espaços Públicos Gerados pela Implantação das Estações de Metrô do Município de São Paulo.*
Kazuo Nakano, Paulo Ferrara Filho, Helena Degreas, Paula Katakura
- 1189 *Espaço Urbano, Pessoas e suas Relações.*
Ainara Fialho, César Guglielmelli, Gabriel Santos, Maxwell Rodrigues, Sarah Pinheiro, Stela Gomes, Thaiza Alves, Luciana Resende
- 1197 *Padrões Espaciais e Vida Pública: Contributo para o estudo de gentrificação no Bairro Alto.*
Juliana Inácio, Rosália Guerreiro
- 1207 *O Papel do espaço público na era digital e sua contribuição para a sociabilidade.*
José de Souza Gomes Júnior, Laini de Souza Santos
- 1213 *O Espaço Público Contemporâneo e seus desafios na evolução do ambiente urbano: uma reflexão sobre as praças de Arapiraca, Alagoas*
José de Souza Gomes Júnior

A Viagem de Cósimo III de Médicis.

Imagem da cidade portuguesa de seiscentos, o caso de Santarém.

João Cabeleira

Lab2pt, Escola de Arquitectura, Universidade do Minho

Campus de Azurém, 4800-058 Guimarães, Telefone/fax: +351 253 510 509 - +351 253 510 509
joacoelho@arquitectura.uminho.pt

Resumo

Entre 1668 e 1669 o príncipe toscano, Cósimo de Médicis, futuro Grão Duque Cósimo III, empreende uma viagem percorrendo Espanha, Portugal, Irlanda, Inglaterra, Holanda, Flandres e França. Para além do carácter formativo do príncipe, a viagem detém objectivos de reforço dos laços políticos entre as nações chegando até nós documentação escrita e gráfica que permite avaliar a experiência do jovem monarca a par de especificidades das sociedades e lugares com que contactou.

Se o diário oficial da viagem, escrito por Lorenzo Magalotti, inclui a descrição dos lugares e das personagens com quem o príncipe contacta, e inclusivamente alguns dos seus diálogos, os registos gráficos de Pier Maria Baldi, conservados na Biblioteca Laurenziana de Florença, revelam uma visão da paisagem urbana (Elvas; Vila Viçosa; Évora; Setúbal; Lisboa; Santarém; Tomar; Coimbra; Porto; Viana, etc.) e rural (Aldeia Galega; Vila Longa; Fonte Coberta; S. Pedro de Rates, etc.) do Portugal de seiscentos.

Porém, a visão de Baldi, o qual termina os desenhos em Florença a partir das anotações recolhidas em viagem, não corresponde estritamente a um registo objectivo. Nestas *vedute* projectam-se paralelamente dados da real vista nos lugares visitados e modelos do quadro cultural de referência do autor, ao mesmo tempo que se detecta o somatório de distintos pontos de vista numa mesma imagem a par de indícios de antecipação estimulados pelo desenho. Advindo daí incongruências na amplitude da *veduta*, escala e caracterização do representado, pretende-se a partir da *veduta* de Santarém proceder à identificação dos pontos de vista tomados para a montagem da imagem a par das estruturas representadas visando confrontar a realidade urbana (aquela que nos permite avaliar a imagem da urbe seiscentista) com a introdução de novos factores (averiguando-se ensejos imagéticos).

O ensaio explora assim condições da imagem da urbe seiscentista portuguesa, centrando-se num caso particular fixado graficamente por Baldi, ao mesmo tempo que explora as qualidades do desenho inerentes ao género da *veduta*, nomeadamente daquelas que se balizam entre o registo do real e a projecção de referentes formais externos, a par da montagem de uma imagem global da urbe.

Palavras-chave

Viagem, Baldi, *Veduta*, Santarém.

Preâmbulo.

Tendo em conta a importância da iconografia na restituição histórica da imagem e forma urbana, o estudo pretende desvendar qualidades das *vedute* de Pier Maria Baldi elaboradas por ocasião do périplo europeu

de Cosimo III de Médicis entre 1668 e 1669. Constituindo-se como documento incontornável no registo da paisagem urbana e rural do Portugal de seiscentos, a *veduta* de Santarém é tomada como amostra a partir da qual se reconhece o representado (suportado em estudos da forma urbana e inventário arquitectónico, a par dos demais registos gráficos e fotográficos do lugar) e se avaliam propriedades intrínsecas ao desenho (identificação de pontos de vista e opções do autor entre a representação objectiva, construção e expectativas da imagem do lugar, a par da sua contaminação por parte de modelos externos). Um caso a partir do qual se testam princípios metodológicos de análise da imagem e que, de futuro, se poderão alargar à totalidade dos desenhos que documentam a viagem do príncipe toscano em território português permitindo um reconhecimento da paisagem coeva.

De facto as *vedute* de Baldi são um objecto ainda pouco explorado pela historiografia urbana nacional, menos ainda no campo da restituição urbana ou do exame do desenho. Aparte dos estudos de Barata (1933) e Magalhães (2008) sobre este objecto, o primeiro visando relatar o episódio da viagem e o segundo usando a *veduta* de Coimbra como suporte para a historiografia dos artefactos arquitectónicos que configuram a cidade, nenhum se debruça sobre a avaliação da estrutura urbana representada ou nas propriedades intrínsecas ao desenho ou os seus procedimentos construtivos. Deste modo, urge explorar as potencialidades deste documento como olhar privilegiado, fixado no tempo, para o estudo e avaliação da urbe e suas arquitecturas, assim como, das suas qualidades gráficas face a um género escasso em Portugal.

A viagem de Cósimo III, diários escritos e gráficos.

Entre 1668 e 1669 o futuro Grão Duque da Toscana, Cósimo III de Médicis, empreende uma viagem pelo espaço europeu enquadrada no complexo processo de formação do príncipe que assim contacta com os costumes e organização política das nações, além de servir pretensões diplomáticas no reforço de laços políticos e económicos entre o Grão-ducado e as potências europeias.

A primeira viagem do príncipe ocorrera em 1664, percorrendo a Emilia Romanha, o Véneto e a Lombardia, enquanto numa segunda viagem, entre Outubro de 1667 e Maio de 1668, passa pela Alemanha e Países Baixos¹. Posteriormente, na viagem em análise, Cósimo parte de Florença a 18 de Setembro de 1668 em direcção ao Mónaco, desembarcando em Barcelona a 26 de Setembro. Após o périplo por Espanha a comitiva do príncipe toscano entra em Portugal a 10 de Janeiro de 1669, via Elvas, fixando-se em Lisboa de 20 de Janeiro a 18 de Fevereiro, e saindo a 1 de Março do território nacional por Caminha em direcção a

¹ Ao levantamento destas viagens elaborado por Radulet (2003) o autor elenca a respectiva documentação oficial de cada uma delas.

Santiago de Compostela.² Um percurso que se prolonga à Irlanda, Inglaterra, Holanda, Flandres e França chegando a Florença a 29 de Outubro de 1669.

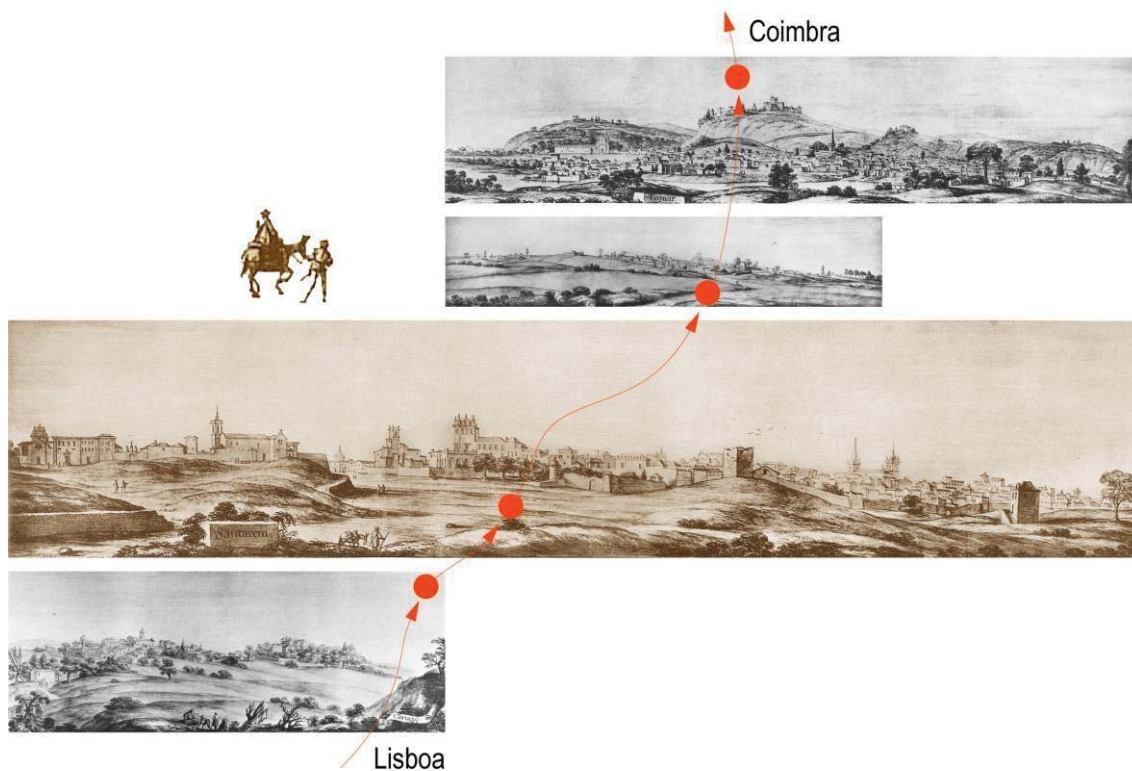


Figura 1. Itinerário e Vedute do Cartaxo, Santarém, Golegã e Tomar.

Na companhia do príncipe desloca-se um séquito de 23 pessoas (um mordomo, um tesoureiro, um copeiro, um sacerdote, médicos, secretários, camareiros, lacaios, cavaleiros, membros da nobreza e diplomatas) de entre as quais destacamos Lorenzo Magalotti que escreve o relato oficial da viagem (expondo o itinerário e apresentando a caracterização dos lugares, das pessoas e dos contactos empreendidos), Pier Maria Baldi que regista graficamente a imagem dos lugares percorridos, além de Filippo Corsini, Jacopo Ciuti e Giovan Battista Gornia que produziram diários pessoais (Radulet 2003). A documentação desenhada e escrita da empresa permite-nos reconhecer o percurso, avaliar a experiência do príncipe (ainda que na terceira pessoa), e as especificidades da sociedade e dos lugares com que contactou. É neste sentido que nos interessam os 126 desenhos de Baldi, de grande formato e em arquivo na Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença (ms. Laur. Med. Palat. 123), existindo ainda um espólio de 270 desenhos relativos ao percurso para além da península Ibérica. Porém, deste lote concentremo-nos na veduta da Vila de Santarém (**Figura**

² Neste percurso entre Elvas e Caminha, a comitiva de Cósimo III passa por Campo Mayor, Vila Viçosa, Estremoz, Venda de Busseiras, Évora, Venda de Patali, Montemor, Venda de Pilhafan, Alandeira, Setúbal, Aldeia Gallega (Montijo), Lisboa, Vila Real d'Alcântara, Belém, Vila Longa, Vila Franca, Cartaxo, Santarém, Golegã, Tomar, Estalagem de Gaita, Ansian, Fonte Coberta, Coimbra, Mealhada, Cerdam, Pinheiro, Porto, Moreira, S. Pedro de Rates e Viana.

1), antecedida por uma do Cartaxo e precedida por outra da Golegã, correspondentes a pontos de abastecimento e descanso da comitiva também registados por Baldi.

Santarém. Relatos de viagem e iconografia

Se os relatos de viagem com descrições da Vila de Santarém são abundantes, conforme individualiza Canavarro (1977)³ a partir de *Viajes de Estrangeros por Espanã e Portugal desde los tiempos mas remotos hasta fines del siglo XVI* de Mercadal (1952), o mesmo não se poderá afirmar acerca da iconografia produzida.

Porventura, a primeira vista conhecida da Vila de Santarém encontra-se numa iluminura de António da Holanda integrada na Genealogia dos Reis de Portugal (1530-34) de Simão Bening (acervo da British Library - Add MS 12531). Mostrando a Vila a partir de oriente, do lado do rio, a iluminura exhibe a orografia local e o modo sobre esta assenta e se condiciona a organização de distintos núcleos ribeirinhos (Bairro de Alfange e Bairro da Ribeira ou Vila Baixa), e da vila à cota alta (Alcáçova Velha, Marvila) com as estruturas conventuais periféricas (S. Bento do Monte Iras).⁴

Por oposição, a panorâmica delineada por Baldi olha para a Vila ribatejana a partir de ocidente colocandose o observador de frente para perímetro muralhado a partir dos espaços abertos no seu exterior, o Chão de Feira, a Carreira dos Cavalos e o Rossio da Amoreira (**Figura 2**).⁵ Uma opção que não nos parece alheia ao possível percurso tomado pela comitiva de Cósimo na chegada a Santarém (por terra, através da estrada que proveniente do Cartaxo sobe ao planalto desde o Vale de Santarém até ao Rossio da Amoreira junto à Porta de Manços) ou ainda face à procura de uma visão monumental (mostrando a muralha ocidental atrás da qual se evidencia o grande volume dos antigos paços reais e principais residências nobres) engrandecida pelos grandes espaços deixados em aberto entre o perímetro muralhado e os conjuntos conventuais no seu exterior. De facto, aparte a agitação mercantil da frente ribeirinha, proporcionada pela navegabilidade do rio e acesso directo a Lisboa, são estes os grandes espaços de suporte à vida da vila. Seja pela realização de feiras e mercados junto das suas principais portas, o Chão de Feira junto à porta de Leiria ou o Rossio da

³ No seu texto o autor transcreve os trechos relativos a Santarém correspondentes aos relatos de Abu-AbdallaMohamed-al-Edrisi (séc. XII), Léon de Rosmithal de Blatna (1466), Jerónimo Münzer (1494-95), Gaspar Barreira (1542), Erich Larsato de Steblova (1580-84) e ainda o de Frei Luís de Sousa a partir da sua *Primeira parte da História de São Domingos* (1623).

⁴ O mesmo ponto de vista é posteriormente explorado na vista incluída na carta militar da posição de Santarém (1801) pelo Cadete Alfred Wintle, ou ainda na gravura representando a vila após a retirada das tropas francesas a 25 de Março de 1811, de autor anónimo, na gravura publicada no jornal 'O Panorama' de 1839, também anónima, ou a gravura incluída nos '*Estudos Chorographicos, Phisicos e Hidrographicos da Bacia do rio Tejo*' (1861) por Manuel José Júlio Guerra.

⁵ Ainda que sendo um ponto de vista pouco adoptado à apresentação da imagem urbana de Santarém este surge numa posição coincidente mas com menor amplitude num desenho anónimo de 1808, que representa a tomada da vila pelas tropas de Junot, ou ainda, mas de um ponto de vista mais distante, a Imagem da *Illustrated London News* (1851), representando as tropas luso-britânicas estacionadas na zona do Vale de Santarém, por ocasião da Guerra Peninsular.

Amoreira junto à porta de Manços (ambas com acesso directo à Praça Nova, em torno da qual se organiza o senado municipal, tribunal, cadeia, açougue, etc.) seja pela Carreira dos cavalos para a qual se abrem postigos na muralha, e sobre as quais espreitam sobre as principais residências nobres, a par da agitação proporcionada pela implantação das principais casas mendicantes nos acessos à Vila (conventos de S. Francisco e da Trindade junto à porta de Leiria, convento de S. Domingos frente ao postigo da Carreira, ou ainda o convento das Donas e Hospital do Ordem Terceira de S. Francisco junto à porta de Manços).

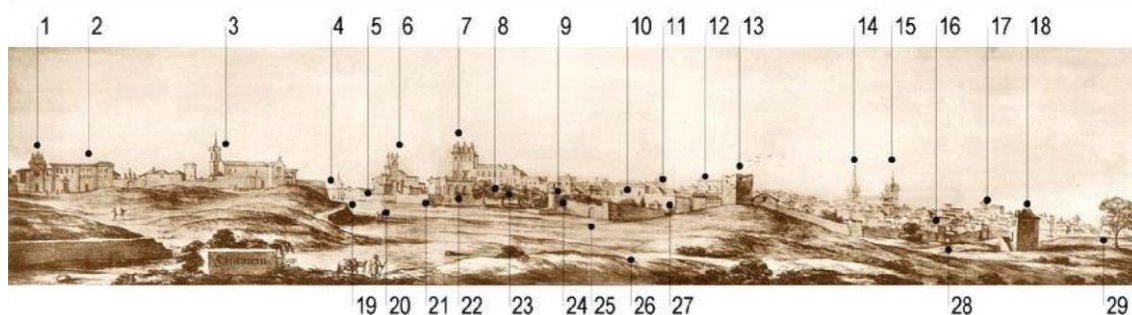


Figura 2. *Veduta* de Santarém, Pier Maria Baldi (1669) com identificação dos principais elementos representados: 1_Ermida/ Albergaria do Santo Espírito (?), reformulada no século XVII; 2_Convento da Trindade (?) fundado em 1208 e remodelado no séc. XVIII; 3_Convento de S. Francisco (1242/1282), corpo gótico e cabeceira moderna (intervenção de Pedro Nunes tinoco em 1635); 4_Igreja de Nossa Senhora da Piedade, início do estaleiro em 1665 e conclusão da cúpula em 1721; 5_Porta do Chão da Feira/ Canto do Paço; 6_Torre de Menagem do Castelo do Paço (?); 7_Torre dos presos ou Torre Gaiola, base da torre sineira do colégio Jesuíta; 8_Castelo da Vila/Alcáçova Nova, da iniciativa de D. Afonso III é cedido em 1647 à Companhia de Jesus; 9_Paço dos Vasconcelos (?); 10_Paço do Conde de Unhão, séculos XVI e XVII; 11_Igreja de S. Nicolau, (reconstrução após o incêndio de 1600 por Baltazar Álvares); 12_Igreja da Misericórdia (1559-1606); 13_Torre do Conde (?); 14_Igreja de Santa Maria de Marvila (século XVI); 15_Torre de Alpram ou do Relógio do Senado da Câmara (séc. XV); 16_Ermida da Senhora do Bom Sucesso (?); 17_Igreja do Santíssimo Milagre, reconstruída no século XVI e remodelada em 1655; 18_Ermida de Santo Antão (adaptações no séc. XVII); 19_Porta de Leiria; 20_Chão da Feira; 21_Baluarte grande; 22_Sala de Cúria ou Cortes do Paço, convertida em Celeiro e Carpintaria da Companhia; 23_Laranjal do Paço; 24_Baluarte ocidental; 25_Postigo da Carreira; 26_Carreira dos Cavalos; 27_Postigo de Gonçalo Eanes ou de D. Margarida; 28_Porta de Manços; 29_Rossio da Amoreira.

Detendo desde a idade média um papel activo na vida da Vila, é a partir de finais do século XIX (com a extinção das ordens religiosas e demolição das muralhas), que estes grandes descampados no perímetro da cidade se assumem como centro cívico passando a concentrar-se aí todos os equipamentos públicos e dando lugar a feiras e festas. De facto, do acervo fotográfico do século XIX e inícios do século XX é possível identificar muitos dos elementos representados pela *veduta* de Baldi, seja pela escassa transformação da frente edificada no alinhamento do perímetro muralhado, seja pela permanência dos complexos conventuais, progressivamente destruídos ou transformados em equipamentos públicos, ao mesmo tempo que se percebe a sua amplitude anterior ao desenho de avenida e jardins concretizados pelo Estado Novo. É precisamente o cruzamento deste acervo visual com a *veduta* de Baldi que contribuiu para a identificação dos elementos representados e de possíveis pontos de vista geradores do desenho. Porém, este confronto despoleta uma leitura do espaço a dois tempos permitindo identificar e mapear transformações e permanências entre o final do século XVII (1669) e as primeiras décadas do século XX (**Figura 3**).



Figura 3. Confronto entre trecho da *veduta* de Baldi (antigo Paço Real a partir da Carreira dos Cavalos) e fotografia do lugar em inícios do século XX (Colégio Jesuíta a partir do Campo de Sá da Bandeira).

A *veduta* de Santarém. Representação objectiva versus imaginária.

Se os registos de Santarém por Magalotti incidem nos milagres que lhe davam fama, respondendo provavelmente à devoção do príncipe toscano, a *veduta* de Baldi fixa uma imagem monumental da Vila. No primeiro plano da imagem coloca-se o próprio Baldi de costas voltadas ao observador olhando de frente o objecto do desenho.⁶ Uma condição que, relembrando-nos no âmbito nacional o *Livro das Fortalezas* (150910) em que Duarte d'Armas se faz representar a par do seu escudeiro, serve na linha da tradição italiana à autenticação da autoria da imagem e, potencialmente, comprovar a veracidade do representado: conforme visto por Pier Maria Baldi que aí esteve.

Mas será esta imagem/narração uma representação objectiva do real? Ou terá o seu processo de delineação condicionado o visto e o que se dá a ver?

⁶ Esta situação é detectada em muitas das vistas produzidas. No caso da vista de Elvas Baldi surge sentado numa colina de frente para a vila em posição de trabalho, enquanto em Vila Viçosa este se apoia na lápide que serve à identificação do lugar em posse contemplativa. Em Venda de Busseiras vê-se o desenhador a cavalo tentando abrigar-se do vento e na Aldeia Galega este parece fugir a pé para se abrigar da chuva eminente. Já no desenho de Vila Franca, Pier Maria encontra-se instalado sobre uma colina no exterior do aglomerado a desenhar sendo, presumivelmente, interrompido pela curiosidade de um transeunte, enquanto na Golegã cruza o caminho com outros caminhantes a quem parece pedir indicações.

Sabendo que as *vedute* do álbum de Baldi resultam do redesenho de apontamentos tomados em viagem, já em Florença, estas deterão incongruências face à realidade. De um lado, incongruências consequentes à ordenação e registo de dados, cuja confirmação posterior se tornava impossível. Do outro, a distância temporal, física e cultural que, com certeza, terá condicionado o resultado final das *vedute* produzidas em Florença e não *in loco*.

Guzmán (2014, 25) aponta, a partir da *veduta* de Santiago de Compostela, dois atributos colocando em causa a objectividade do desenho de Baldi. A “deformação” do representado, a qual preferiríamos denominar de absurdo perspéctico, já que a imagem global resulta da compilação de anotações produzidas a partir de pontos de vista distintos e certamente sem referência a cartografia (seja por falta de tempo do desenhador, mas mais provavelmente à sua inexistência, como em relação ao caso por nós observado), a par de um outro aspecto relativo à “italianização” das formas e arquitecturas representadas, transpondo-se à *veduta* referências imagéticas do contexto cultural de origem de Baldi.

A primeira característica apontada poderá ser tanto consequente ao *modus operandi* de Baldi, ou como aponta Guzmán (2014, 25) à sua inexperiência no género das *vedute*, desconsiderado pela tradição florentina. Porém, nós levantamos outra questão. Serão os absurdos perspécticos detectados, de facto, uma incongruência? Ou, resultarão as ditas incongruências de uma opção consciente por parte do autor que as adopta como estratégia de suporte à dilatação da visual desejada. De facto, parece-nos que concorrem aqui duas circunstâncias. De um lado o desenho como construção e selecção pessoal do autor face ao objecto visto, e por outro a impossibilidade de deter sobre o lugar a representar uma visual ampla o suficiente para o abarcar a partir de um só ponto de vista.

Atendendo às particularidades do caso em análise, e ao contrário de circunstâncias como aquelas que permitem a produção das *vedute* de Évora, Setúbal ou Lisboa (cuja hipótese de uma visão geral é proporcionada pela grande distância do ponto de vista) parece-nos que aqui o desenhador se multiplica entre diferentes de pontos de vista desdobrando/planificando uma visão global do objecto a representar. Só assim, e apesar da amplitude proporcionada pelo planalto que se estende do lado ocidental da vila muralhada, se supere o constrangimento a uma imagem parcelar do objecto ou a uma excessiva distância de modo a respeitar as regras fundamentais do cânone perspéctico. Neste sentido não só a multiplicação de pontos de vista amplia a visão da vila (permitindo a inclusão do máximo de elementos sem os constrangimentos que, por exemplo, ocorrem na fotografia e que detectamos das imagens do acervo recolhido), como, por outro lado, permite reorientar permanentemente o olhar em função da selecção e hierarquização desejada pelo autor.

Por outro lado, a denominada “italianização” prender-se-á a distintos factores: de um lado, o léxico gráfico que o desenhador transporta no seu traço condicionando o olhar; e por outro, a hipótese de aculturação contaminando-se os lugares visitados com arquétipos do contexto de origem do autor. Ambas revelam um olhar condicionado pelo contexto da sua formação, ou, porventura, de um olhar nostálgico que remete o

viajante às suas origens. Mas a par destes podemos ainda apontar necessidades práticas do desenhador que, executando os desenhos finais à distância, se apoia em modelos próximos para colmatar falhas dos seus apontamentos preparatórios no acto de revisão e finalização das *vedute*.

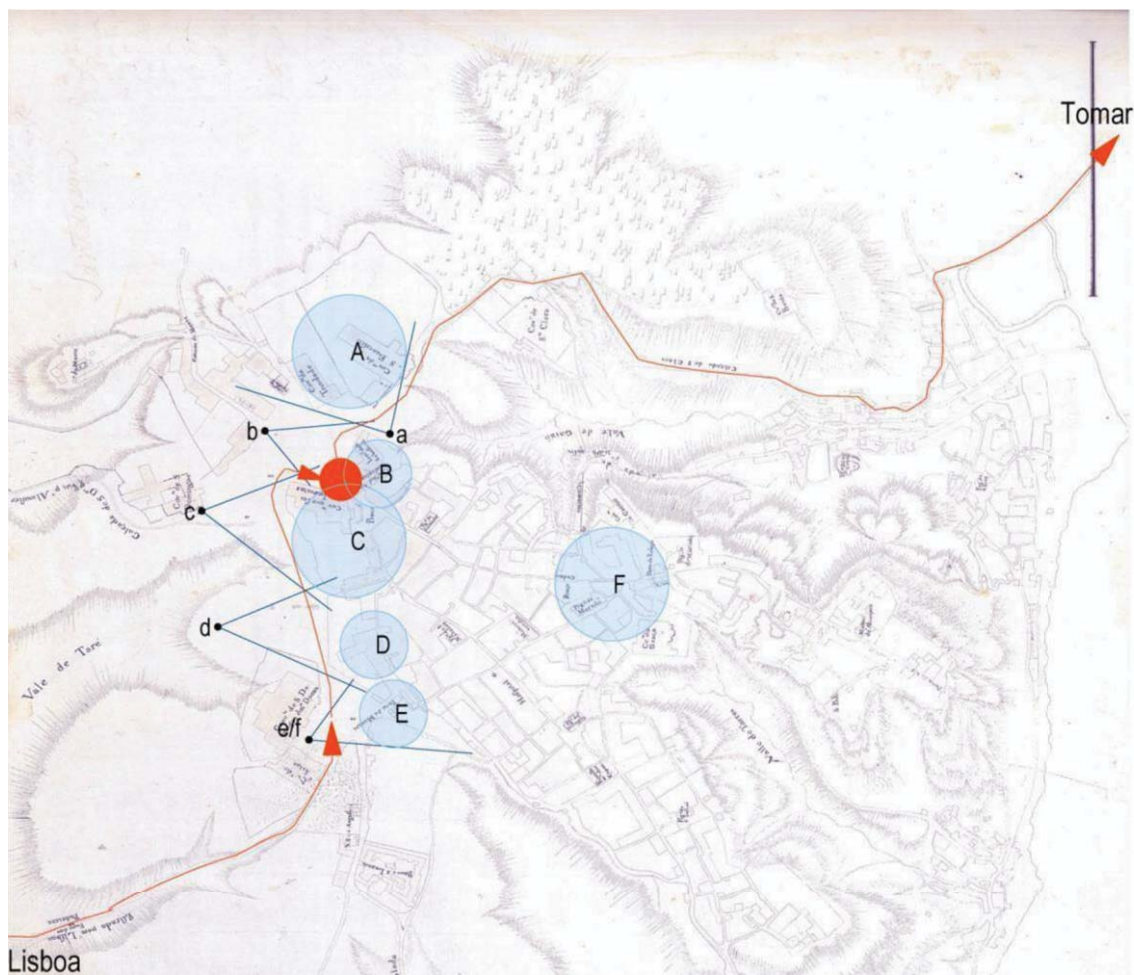


Figura 4. Identificação de possível sequência de pontos de vista e respectivos conjuntos vistos sobre Planta Geral da Vila de 1759-80 (IPCC, CA 394). Da esquerda para a direita da *veduta*: a - conjunto dos conventos de S. Francisco e da Trindade; b - Chão de Feira com porta para a Praça do Paço e Igreja de Nossa Senhora da Piedade; c - conjunto da antiga Alcaçova Nova em processo de transformação em Colégio Jesuíta e Aposentadoria Real; d - Paço dos Condes de Unhão e Torre do Conde; e - Rossio da Amoreira com ermida de Santo Antão e porta de Manços; f - Conjunto em torno da Praça Nova com igreja de Marvila e Torre do Relógio (cabaçeiro). Identificação do percurso de chegada e partida da comitiva de Cósimo III.

De facto, na veduta de Santarém encontramos estas duas características, tanto a desdobragem/amplificação da visual (Figura 4), como a inclusão de referentes formais externos ao contexto. Porém, para nos determos nestas importa cruzar o desenho de Baldi com a cronologia das construções identificadas (nomeadamente a do Colégio Jesuíta e Aposentadoria Real, da Igreja da Piedade, das Muralhas com respectivas portas e postigos, e dos conventos da Trindade, S. Francisco e S. Domingos), a par das plantas gerais da vila (a Planta Geral da Vila de 1759-80, em depósito no Instituto Português de Cartografia e Cadastro, CA 394) ou

plantas parciais (sobretudo de conjuntos relevantes como o do Colégio Jesuíta⁷ ou dos conventos mendicantes⁸ externos à muralha).

O centro da imagem é dominado pelo volume do antigo Paço Real (entretanto doado à Companhia de Jesus para instalação de Colégio e Aposentadoria Real, cuja construção é balizada entre 1647 e 1711), visto a partir da Carreira dos Cavalos no lugar do Convento de S. Domingos (conjunto e ponto de vista c). À sua direita vê-se imediatamente atrás da muralha as principais casas nobres da Vila das quais se destaca o Paço do Conde de Unhão que incluía antiga torre da muralha (conjunto e ponto de vista d). Porém, à aparente regularidade deste tramo da imagem, são somados outros pontos de vista nos seus extremos: do lado direito procurando ampliar a vista ao Rossio da Amoreira, Ermida de Santo Antão e porta de Manços a par da inclusão do corpo e campanário da Igreja de Marvila e da torre de Alpram, ou do relógio (agregados a partir dos pontos de vista e e f), e à esquerda a porta de Leiria com a igreja de Nossa Senhora da Piedade (conjunto e ponto de vista b) e os conventos de S. Francisco e da Trindade (conjunto e ponto de vista a).

Se no primeiro caso a distorção não é significativa, correspondendo os novos pontos de vista à deslocação do desenhador para sul ao longo da Carreira dos Cavalos até ao Rossio da Amoreira, a opção parece decorrer simultaneamente da ampliação do campo visual e da necessidade de referenciar os elementos construtivos da Praça Nova (conjunto F) evidenciando a percepção do centro cívico da urbe, como se de um zoom se tratasse, através da ampliação da escala das construções.

Já a segunda situação, do lado esquerdo da imagem, implicaria um total reequacionamento da imagem. Assim, para a representação destes elementos o observador teria de contornar o perímetro da Alcáçova Nova para, a partir do Chão de Feira, olhar de frente para o acesso à praça do Castelo e igreja de Nossa Senhora da Piedade (conjunto B) ao mesmo tempo que posicionando-se no interior do Chão de Feira o observador orienta o olhar para norte (conjunto C). Uma opção presumivelmente simbólica, tanto pelo valor dos conventos da Trindade e de S. Francisco como do Chão de Feira sendo aí que se recebe e vê partir a comitiva do príncipe toscano, ou então um erro de Baldi na associação dos apontamentos recolhidos.

Preferíamos equacionar a primeira hipótese, numa tentativa de Baldi dar a ver todo o espaço do Chão de Feira, segundo uma visão a 360°. Uma consideração que evidencia opções do autor que se sobrepõem às regras de uma representação objectiva do espaço.

A par desta característica, o fenómeno de italianização, poderá ser detectado a partir da representação da Sala da Curia ou das cortes do antigo Paço real, posteriormente convertida em celeiro e carpintaria do Colégio Jesuíta, a par da representação das vigias em torres da muralha. Se a primeira, da qual não há mais iconografia, detém a aparência de loggia moderna semelhante ao *Mercato Nuovo* de Florença (1547/51, por

⁷ Deste edifício existem as *Planta Velha* (c.1648, Arquivo Romano da Companhia de Jesus) e a *Planta Nova*, ou *Planta Primeira do sítio do Collegio da Companhia de Jesus de Santarém* (c.1653, Biblioteca Pública de Évora).

⁸ De este destas revelou-se importante a *Planta dos Edifícios dos Extintos Conventos da Trindade e de S. Francisco de Santarém* (1862, Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar).

Giovan Battista del Tasso), as torres coincidem na sua imagem com as portas modernas florentinas (c. 1526, por Benvenuto Cellini). Possíveis adendas ao desenho, por integração de motivos formais do contexto de origem do autor do desenho.

Porém, no caso da *veduta* de Santarém poderemos ainda apontar uma terceira característica, coincidente a um dos principais objectivos do desenho de arquitectura, a de antecipação, antevisão, da imagem dos factos projectados (**Figura 5**). Se no caso da Alcáçova Nova se expõe a desmontagem da torre de menagem e volumes anexos, dando a ver o processo de transformação para aí instalar o colégio dos Jesuítas (cujas obras, apesar da aprovação do projecto pela cúria generalícia de Roma em 1653, se encontravam longe da conclusão), mais relevante é a inclusão do perfil volumétrico da Igreja de Nossa Senhora da Piedade cujo estaleiro, iniciado em 1664 por João Nunes Tinoco, se encontrava ainda distante da conclusão da cúpula, que ocorreria somente em 1721 sob direcção de Jácome Mendes.



Figura 5. Avanços e referências incluídas na *Veduta* de Baldi

Este facto permite classificar a *veduta* de Baldi, no âmbito do desenho de arquitectura, incluindo valores de intermediação entre a ideia e a execução material da obra. Uma ideia, a do perfil da cúpula, que poderá ter sido absorvida por Baldi no seu contacto com o estaleiro, ou mesmo com o arquitecto que o dirige, senão mesmo por observação de possíveis desenhos em obra. A *veduta* assume assim a condição de estado intermédio entre o projecto e a construção. Resta-nos saber apenas quantos mais elementos não poderiam ser um ensaio do desenhador que, sendo também ele arquitecto, integra o seu posicionamento crítico e formal sobre aquilo que vê.

Conclusão.

Se por um lado, os desenhos de Pier Maria Baldi constituem um incontornável documento para o reconhecimento da paisagem urbana e rural portuguesa de Seiscentos, por outro, e a partir dos aspectos evidenciados, estas integram pretensões do desenhador/arquitecto que as produz.

Assim, e tendo-se rejeitado quaisquer limitações do desenhador, debatemo-nos antes com condicionantes da representação objectiva ou científica do real. Neste sentido as *vedute* revelam características morfológicas do lugar, a partir de um olhar fixo temporalmente, e amplia-se na selecção operada, seja por questões de narrativa seja para expor hierarquias urbanas, definindo um simulacro da experiência visual da cidade.

Pelo que a imagem detém, representação do visto, antevisão do concebido e introdução do acervo formal do desenhador, revela-se a aptidão destas *vedute* em superar a imagem objectiva do lugar perseguindo ideias de descoberta, antevisão e especulação arquitectónica.

Referências bibliográficas

- Barata J. (1933) *Cosme de Médicis e o Ribatejo; Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)*, Centro de Estudos Históricos de Madrid, Madrid.
- Beirante M (1980) *Santarém Medieval*, Universidade Nova, Lisboa.
- Beirante M (2008) *O ar da cidade: ensaios de história medieval e moderna*, Edições Colibri, Lisboa.
- Cardoso M (2001) *As Muralhas de Santarém: Interpretação e Enquadramento histórico-arqueológico*, Câmara Municipal de Santarém, Santarém.
- Canavarró P (1977) O 'Peregrino Instruído': abordagem urbanística, in AA.VV. *Santarém. A cidade e os homens*, Junta Distrital de Santarém, Santarém, 137-160.
- Caucci P (2004) *El Viaje del Príncipe Cosimo dei Medici por España y Portugal*, Jacopo Aldighiero Caucci, Santiago.
- Crinò A (1968) *Un principe di Toscana in Inghilterra e in Irlanda nel 1669*, Edizioni di storia e letteratura, Roma.
- Custódio J (2001) As fortificações de Santarém - Séculos XII-XIII, *Simpósio Internacional sobre Castelos*, Palmela.
- Estrela J (2013) *Viagem de Cosme III de Médicis em Portugal no Ano de 1669*, Fundação Mário Soares, Lisboa.
- Farinelli A (1942) *Viajes por España y Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XX*, Reale Accademia d'Italia, Roma, 155-156.
- Guzmán M (2014) *Ritratti d'inchiostro delle città spagnole nella Relazione Ufficiale (1668-1669) del viaggio del principe Cosimo III de' Medici: città reali o città idealizzate?* In Alfredo Buccaro; Cesare de Seta (2014) *Città mediterranee in trasformazione. Identità e imagine del paesaggio urbano tra sette e Novecento*. Edizione Schientifiche Italiane, Nápoles, 19-27.
- Jorge Custódio J (1996) *Santarém. Cidade do Mundo*, Câmara Municipal de Santarém, Santarém.
- Magalhães R (2008) *Viagem de Cosme de Médicis a Coimbra no Século XVII*, Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra.
- Mercadal G (1952) *Viajes de Estrangeros por Espanã e Portugal desde los tiempos mas remotos hasta fines del siglo XVI*, Aguilar, Madrid.
- Radulet C (2003) Cósimo III Medici and the Portuguese Restoration: a voyage to Portugal in 1668-1669, *E-journal of Portuguese History*, 1(2), 1-8.
- Sanchez Rivero A, Sanchez Rivero A M (1933) *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)*, Centro de Estudios Sucesores de Rivadeneira, Madrid.



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

